

Mobilidade ocupacional e rendimentos no Brasil metropolitano — 1991/96

ANA MARIA HERMETO CAMILO DE OLIVEIRA*
ANA FLÁVIA MACHADO**

No Brasil, os anos 90 são marcados por uma reconfiguração do mundo do trabalho que induz mudanças nos níveis e padrões de emprego e salários. Nesse contexto, nosso principal objetivo é analisar a extensão da mobilidade ocupacional no Brasil e enfatizar as diferenças entre perfis masculino e feminino. Investigamos a mobilidade de trabalhadores entre categorias profissionais classificadas por níveis de qualificação e caracterizamos as transições segundo raça, idade e educação. Aplicamos um modelo logístico para calcular probabilidades de transição que caracterizam mobilidade ocupacional ascendente e descendente por gênero, entre 1991 e 1996, utilizando dados de painel da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Nossa discussão inclui uma análise descritiva de perfis de salários relacionada às transições ocupacionais, baseadas em estimativas de parâmetros de equações de salários. Os resultados confirmam a hipótese de que o mercado de trabalho brasileiro absorve de forma diferenciada homens e mulheres classificados por nível de qualificação e indicam probabilidades mais elevadas para a mobilidade ocupacional ascendente entre os homens.

1 - Introdução

No Brasil, os anos 90 são marcados por uma reconfiguração do mercado de trabalho. Os movimentos de racionalização da produção e o processo de privatização de empresas estatais, além da desaceleração no crescimento demográfico, induzem mudanças que afetam o nível de emprego, o nível de rendimento, a mobilidade setorial, as relações de trabalho e o *status* ocupacional.

Enfocando particularmente a inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho, o objetivo deste artigo é analisar a extensão e a magnitude das mudanças nos padrões de participação na força de trabalho e de distribuição ocupacional. Utilizando de um conjunto de indicadores, buscamos investigar, em primeiro lugar, as transições ocorridas no mercado de trabalho, em termos de fluxos de entradas e saídas na condição de atividade e, dentro desta, nas situações de ocupado e desempregado. Em um segundo momento, pretendemos avaliar as mudanças no *status* ocupacional dos trabalhadores ocupados, caracterizando essas transições

* Aluna do curso de doutorado em Demografia do Cedeplar/UFMG.

** Professora adjunta do Departamento de Economia na Face/Cedeplar/UFMG.

segundo atributos pessoais relativos a raça, idade e escolaridade, segundo um modelo logístico de estimação de probabilidades de transição. Finalmente, consideramos os rendimentos dos trabalhadores, segundo as transições e, por intermédio dos resultados de regressões, avaliamos os efeitos desses atributos sobre os rendimentos.

A qualificação para a ocupação é um dos aspectos avaliados para entrada e ascensão no mercado de trabalho e, em virtude das mudanças em curso, esse aspecto tem se tornado cada vez mais importante. Pressupondo que o mercado de trabalho metropolitano brasileiro absorva de maneira diferenciada homens e mulheres classificados igualmente segundo o nível de qualificação exigido pelas ocupações, utilizamos dados referentes às ocupações agregadas conforme uma tipologia ocupacional definida de acordo com a qualificação da força de trabalho: superior, média ou manual.

Esses segmentos da força de trabalho são analisados em um estudo de mobilidade entre 1991 e 1996. Ao considerar as tendências, examinamos as mudanças nos níveis dos indicadores e nos padrões de inserção ocupacional de homens e mulheres ao longo do tempo. Caracterizamos as transições pela mobilidade ascendente, indicada por movimentos positivos no *status* ocupacional, pela mobilidade descendente, representada por movimentos negativos, e pela imobilidade, caracterizada pela ausência de movimentação do trabalhador entre as categorias socioocupacionais nos dois pontos do período analisado (1991 e 1996).

A nossa fonte de dados é o suplemento especial da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE de abril de 1996. A partir dessa fonte, é possível extrair diversas informações retrospectivas sobre o mercado de trabalho metropolitano no Brasil, que descrevem um mesmo grupo de indivíduos no período 1991/96, facilitando estudos de mobilidade.

Este artigo tenta fornecer elementos e perspectivas de análise para uma compreensão menos trivial da dinâmica de absorção da oferta de mão-de-obra na primeira metade da década de 90, qualificando as formas da absorção segundo os atributos individuais. Está dividido em seis seções, além desta introdução. Na Seção 2, resumimos, de forma bastante sucinta, as modificações ocorridas no âmbito da economia e das empresas nos anos 90. A metodologia com a descrição das variáveis, tipologia e caracterização das transições é apresentada na Seção 3. Na Seção 4, descrevemos as transições ocorridas entre e dentro das condições de atividade, assim como as mudanças de *status* ocupacional dos trabalhadores, enfatizando a divisão de gênero. A caracterização das transições entre as categorias socioocupacionais, segundo os atributos pessoais, é tratada na Seção 5. Depois calculamos, na Seção 6, as probabilidades de transição que caracterizam a mobilidade ascendente e descendente em cada sexo separadamente, recorrendo a um modelo logístico. A seguir, calculamos, na Seção 7, as equações de rendimentos

e comentamos seus resultados. Por fim, na Seção 8 apresentamos as conclusões mais gerais.

2 - Impactos da nova ordem econômica sobre a estratificação ocupacional

Muitos são os estudos que apontam os impactos das mudanças econômicas, institucionais e organizacionais sobre o mercado de trabalho no Brasil [ver Amadeo *et alii* (1994) e Barros *et alii* (1996)]. A liberalização comercial, o processo de privatização de empresas estatais e a queda nas taxas de inflação no Brasil a partir de 1994 são alguns dos principais exemplos de mudanças no processo econômico brasileiro que passaram a exigir uma reorientação produtiva no sentido de maior qualidade e eficiência. Os anos 90 encerram um modelo industrial baseado em forte protecionismo, passando para outro de contorno ainda não muito definido, mas mais aberto à competitividade.

Alguns setores como o financeiro, o metal-mecânico, o siderúrgico e o têxtil sofreram *enxugamento* de plantas por meio de fechamento de unidades, terceirização de atividades e extinção de postos de trabalho. Em outros setores, as medidas não foram tão profundas, mas identifica-se a mesma busca para garantir a presença na nova configuração econômica mundial. As empresas vêm procedendo a mudanças sistemáticas no seu sistema organizacional, mediante a introdução de novas tecnologias, racionalização das tarefas e de mudanças na gestão do trabalho, pela adoção de métodos e técnicas que requerem um trabalhador mais participativo, autônomo e multifuncional [ver Leite (1997)].

A reestruturação produtiva deve estar afetando a mobilidade ocupacional dos trabalhadores. Essa questão envolve movimentos distintos. Pelo lado da demanda por trabalho, embora o processo seja recente, algumas evidências já estão se consolidando. Há uma tendência da grande empresa de se especializar em ocupações que envolvam maior qualificação, criando um perfil de demanda por mão-de-obra com ênfase na formação alicerçada em conhecimentos gerais e de cunho mais especializado. As ocupações de menor qualificação, quando não extintas, tendem a ser transferidas para plantas em outras regiões fora dos principais centros urbanos ou para pequenas empresas constituídas pelos antigos trabalhadores. Para tal, as empresas contam com programas que vão desde o incentivo, às vezes pecuniário, à qualificação do trabalhador (básica, profissional e reciclagem), passando por realocação de trabalhadores (combinando nível de escolaridade às necessidades da função), até a sumária demissão [Martins e Ramalho (1994)].

No que se refere à oferta de trabalho, o paulatino envelhecimento populacional, combinado aos programas de incentivo à melhoria dos padrões educacionais, tem gerado resultados favoráveis, ainda que esse venha a ser um processo lento e

gradual.¹ Além disso, os programas de governo ou empresariais procuram estimular a população trabalhadora a investir em formação profissional. A combinação desses aspectos dos movimentos de demanda e oferta de trabalho deve, portanto, ter afetado a estrutura ocupacional brasileira assim como a distribuição de rendimentos entre trabalhadores. Neste artigo, nosso objetivo é examinar tais mudanças.

3 - Dados e variáveis

Os dados utilizados são provenientes de tabulações especiais do suplemento da PME de abril de 1996. O questionário do suplemento investiga a mobilidade dos indivíduos acima de 18 anos de idade que compunham a força de trabalho em abril de 1996, em relação à situação em que se encontravam no mercado de trabalho em abril de 1991. Portanto, esse suplemento contém informações individuais retrospectivas que permitem o estudo de transições no mercado de trabalho entre esses dois anos.

As informações se referem ao conjunto de seis regiões metropolitanas brasileiras (São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e Rio de Janeiro). O tamanho da amostra para as transições no mercado de trabalho é de 50.372 indivíduos com mais de 25 anos em 1996. O total da amostra é constituído por aproximadamente 55% de mulheres, 60% de brancos, a idade média 44 anos e a escolaridade média 7 anos de estudo.² Quando o universo de análise é restrito aos ocupados em 1991 e 1996, com rendimentos em 1996, o tamanho da amostra é de 21.335 indivíduos, são 37% mulheres, 59% brancos, com idade média de 40 anos e escolaridade média de 7,7 anos.

Os cortes principais estão associados às variáveis sexo e à categoria socioocupacional. A construção das categorias ocupacionais é inspirada em estudo do IBGE (1994), cuja preocupação básica era o grau de diferenciação e estratificação interna do mercado de trabalho brasileiro.³ Tais categorias se baseiam na constatação dos requerimentos de níveis educacionais médios dos indivíduos em cada ocupação, derivando uma escala socioeconômica das ocupações, segundo níveis de qualificação: superior, médio e manual.⁴ Esperamos que as categorias

1 A escolaridade média aumentou um ano no Brasil a cada década no período 1970/95 [ver Andrade (1997)].

2 Esse indicador é muito maior do que o referente ao Brasil como um todo, pois não estamos considerando a área rural.

3 Esse estudo, por sua vez, baseia-se em outros realizados no IBGE nas décadas de 70 e 80.

4 Nosso critério de definição das ocupações que compõem cada categoria é exógeno, baseado no estudo do IBGE (1994). Não desconsideramos a hipótese de que as exigências educacionais dessas categorias tenham mudado ao longo do tempo; contudo, a redefinição de uma nova tipologia de categorias ocupacionais extrapola o âmbito deste artigo e constitui nosso próximo objeto de pesquisa. As ocupações em três dígitos que compõem cada categoria encontram-se no Anexo A.

reflitam as diferenças de gênero mais amplas e que as transições observadas nas categorias socioocupacionais entre 1991 e 1996 reflitam a evolução desses diferenciais, configurando ou não novos padrões de participação de homens e mulheres no mercado de trabalho.⁵

O esforço de agregação das categorias socioocupacionais não elimina os diferenciais internos que elas apresentam. Por isso, optamos por refinar a análise das transições entre essas categorias, utilizando, além da variável sexo, as variáveis de raça,⁶ idade e escolaridade, buscando decompor a diferenciação por gênero na inserção ocupacional, na tentativa de desvendar, ainda que de maneira preliminar, a importância do conjunto desses atributos na evolução dos indicadores. Para tal análise, agrupamos as transições em: mobilidade ascendente, imobilidade e mobilidade descendente. A mobilidade ascendente é representada pela transição de indivíduos entre as categorias socioocupacionais que refletem sua ascensão socioeconômica. São três os movimentos: categoria média para superior, categoria manual para superior e categoria manual para média. Por outro lado, a mobilidade descendente é observada quando os indivíduos passam da categoria superior para manual ou para média e da categoria média para manual. Nos outros casos em que os indivíduos permanecem na mesma categoria socioocupacional, ocorre a imobilidade.⁷

No que se refere à raça, não existem apenas os diferenciais de acesso à escola e de qualidade de ensino entre brancos e negros, mas há ainda a discriminação no mercado de trabalho que, combinados, determinam uma inserção diferenciada nas categorias socioocupacionais. Por idade, a nossa expectativa é de verificar uma relação direta entre essa variável e a categoria socioocupacional. A idade é correlacionada à aquisição de capital humano pelos níveis mais altos de escolaridade e experiência no mercado de trabalho, o que reforça movimentos de ascensão entre as categorias socioocupacionais com o avanço da idade.⁸ Os diferenciais por atributos da oferta de trabalho, conforme o nível educacional, são os principais determinantes da inserção ocupacional. Como dito anteriormente, as categorias socioocupacionais são construídas a partir dos requerimentos educacionais das ocupações e, portanto, essas duas variáveis devem estar totalmente correlacionadas. Entretanto, isso não significa que homens e mulheres, necessariamente, estejam inseridos nas ocupações de maneira a combinar perfeitamente o nível educacional requerido e observado; ou seja, pode haver um desequilíbrio entre a qualificação ofertada pelo ocupado e aquela demandada pela ocupação, e esse desequilíbrio tende a ser desigual entre os sexos. Desse modo, a análise das

5 Oliveira, Porcaro e Costa (1983) analisaram a inserção da força de trabalho, segundo a raça, na estrutura ocupacional brasileira, a partir da construção de categorias socioocupacionais similares.

6 Brancos e negros. A categoria de negros é composta pelos indivíduos que se declararam pretos ou pardos.

7 Ainda que esses indivíduos possam ter mudado de ocupação dentro da mesma categoria socioocupacional.

8 A curva em forma de U-invertido é a que mais se assemelha ao comportamento esperado para idade, com os indivíduos idosos tendendo a deslocar-se para categorias socioocupacionais menos valorizadas.

transições, refinada segundo o nível de escolaridade, deve mostrar a evolução dessa desigualdade.⁹

4 - Transições na participação da força de trabalho no período 1991/96¹⁰

Nesta seção, identificamos as transições no mercado de trabalho brasileiro, em termos de fluxos de entradas e saídas de atividade econômica e ocupação, e de mudanças no *status* ocupacional, enfatizando diferenças de gênero. A Tabela 1 e o Gráfico 1 apresentam a transição entre ocupados, desempregados e inativos na participação da força de trabalho de 1991 a 1996.¹¹

Entre homens e mulheres, a proporção de ocupados e desempregados diminuiu entre 1991 e 1996. Por outro lado, a proporção de inativos aumenta para ambos os sexos. Os movimentos entre as condições de atividade parecem ser mais significativos para a população feminina.

TABELA 1

Transições entre condições de atividade da força de trabalho, por sexo — 1991/96
(Em %)

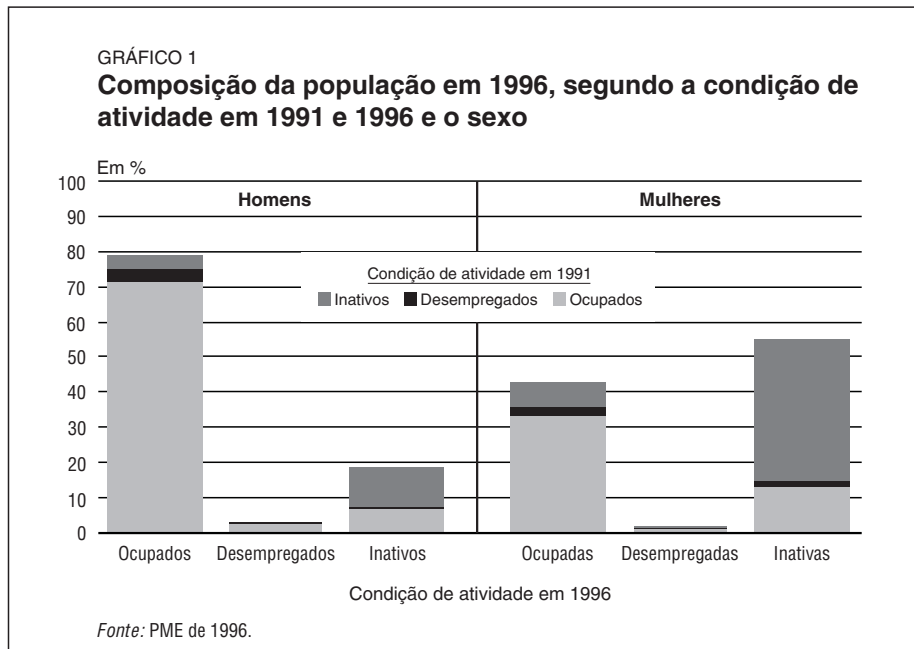
1991	1996							
	Homens				Mulheres			
	Ocupados	Desempregados	Inativos	Total	Ocupadas	Desempregadas	Inativas	Total
Ocupados	71,3	2,5	7,0	80,7	33,5	1,3	13,1	48,0
Desempregados	3,6	0,3	0,3	4,2	2,3	0,3	1,7	4,4
Inativos	3,9	0,2	11,0	15,0	7,3	0,4	40,0	47,7
Total	78,8	3,0	18,3	100,0	43,1	2,1	54,8	100,0

FONTE: PME de 1996.

9 Não negligenciamos o fato de que alguns indivíduos possam ter aumentado seus níveis educacionais entre 1991 e 1996, sugerindo uma mobilidade educacional. No entanto, nossa fonte de dados não permite verificar tal assertiva, embora permita a constatação de que seu efeito é similar entre os 20 e 30 anos de idade. Isto é, o corte inferior de 20 anos de idade em 1991 não confunde os resultados.

10 Para a análise das transições das condições de atividade da força de trabalho, o universo de análise é composto por todos os homens e mulheres com mais de 25 anos em 1996. Restringimos esse universo aos ocupados em 1996 para a análise das transições entre os estados na força de trabalho e as categorias ocupacionais. Para a análise das transições entre as categorias ocupacionais, o universo de análise é mais restrito, considerando somente os ocupados em 1996 que estavam ocupados em 1991. Nas próximas seções, o universo de análise a ser utilizado nas estimativas das regressões é o último.

11 Essa informação se refere a dois pontos no tempo, impedindo a avaliação de possíveis movimentos dentro do período.



De acordo com a Tabela 2,¹² 90% dos homens ocupados em 1996 estão também nessa situação em 1991. A probabilidade de estar ocupado nos dois anos é maior para os homens. Por outro lado, as mulheres apresentam probabilidades maiores de estar na inatividade em ambos os anos quando comparadas aos homens. As transições da inatividade em 1991 para a situação de ocupado em 1996 e da inatividade em 1991 para desempregado em 1996 sugerem um padrão mais intermitente da participação feminina no mercado de trabalho. Aproximadamente 17% das mulheres ocupadas em 1996 estavam fora da força de trabalho em 1991 (contra 5% dos homens). Entre as mulheres desempregadas em 1996, 22% estavam fora da força de trabalho em 1991 (contra 7% dos homens).

A Tabela 3 e o Gráfico 2 mostram em qual condição de atividade a força de trabalho, segundo as categorias ocupacionais em 1996, estava em 1991 — ocupado, desempregado ou inativo. Em geral, o desempregado em 1991, quando absorvido pelo mercado de trabalho em 1996, insere-se na categoria manual.

No que se refere à entrada no mercado de trabalho — movimentos da inatividade em 1991 para qualquer categoria profissional em 1996 —, destaca-se uma entrada relativamente mais perversa para mulheres (ver Tabelas 3 e 4 e Gráfico 2).

¹² Nas Tabelas 2, 4 e 6, as informações estão controladas pelo tamanho dos grupos, permitindo uma análise independente das margens.

TABELA 2

Composição da população em 1996, segundo as condições de atividade da força de trabalho em 1991 e o sexo

(Em %)

1991	1996							
	Homens				Mulheres			
	Ocupados	Desempregados	Inativos	Total	Ocupadas	Desempregadas	Inativas	Total
Ocupados	90,5	83,0	38,2	80,7	77,8	62,3	23,9	48,0
Desempregados	4,6	10,2	1,7	4,2	5,4	16,2	3,1	4,4
Inativos	4,9	6,8	60,1	15,0	16,8	21,5	73,0	47,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PME de 1996.

TABELA 3

Transições entre condições de atividade da força de trabalho em 1991 e categorias socioocupacionais em 1996, por sexo

(Em %)

1991	1996							
	Homens				Mulheres			
	Superior	Média	Manual	Total	Superior	Média	Manual	Total
Ocupados	16,3	21,6	52,8	90,6	12,9	26,1	38,9	77,8
Desempregados	0,3	0,8	3,5	4,6	0,4	1,3	3,6	5,4
Inativos	0,8	1,1	3,0	4,8	1,7	4,2	10,9	16,8
Total	17,3	23,4	59,2	100,0	15,0	31,6	53,4	100,0

FONTE: PME de 1996.

Embora a percentagem de mulheres economicamente inativas em 1991 ocupadas na categoria superior em 1996 (11,5%) seja maior do que a de homens (4,4%), a maior diferença é observada na categoria manual. Entre os homens, 5% dos que estavam na categoria manual em 1996 estavam inativos em 1991 e, entre mulheres, 20% (ver Tabela 4).

Referindo-se apenas aos ocupados, é possível avaliar as transições entre categorias socioocupacionais de 1991 a 1996 (ver Tabela 5 e Gráfico 3). Para homens e mulheres, a categoria superior é um pouco mais representativa em 1996 do que

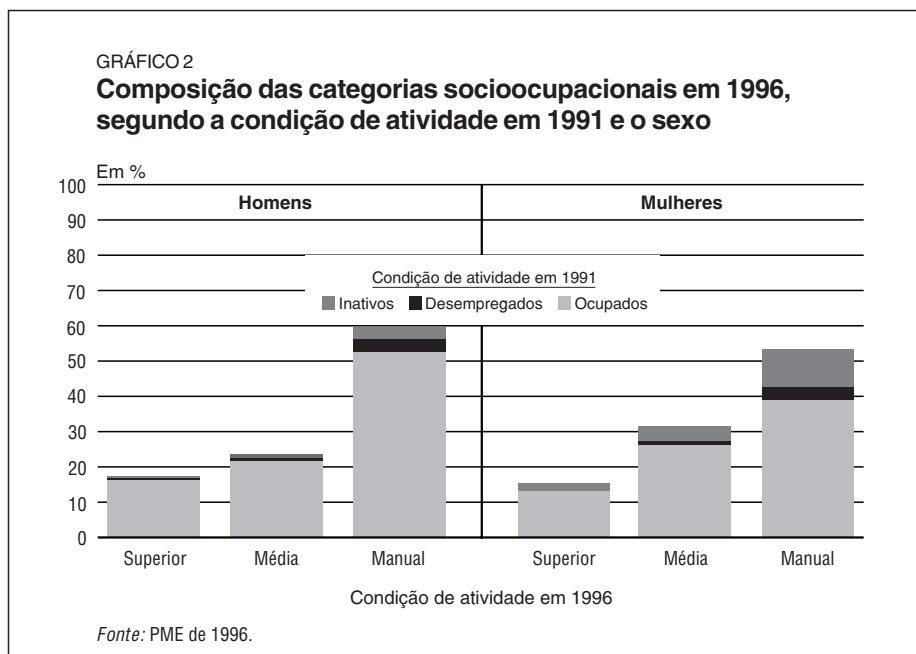


TABELA 4

Composição das categorias socioocupacionais em 1996 por condição de atividade da força de trabalho em 1991 e sexo

(Em %)

1991	1996							
	Homens				Mulheres			
	Superior	Média	Manual	Total	Superior	Média	Manual	Total
Ocupados	93,9	92,0	89,1	90,6	85,7	82,6	72,8	77,8
Desempregados	1,7	3,5	5,9	4,6	2,9	4,2	6,8	5,4
Inativos	4,4	4,5	5,0	4,8	11,5	13,3	20,4	16,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PME de 1996.

em 1991. As transições que envolvem imobilidade (superior-superior, média-média e manual-manual) representam as frações maiores de trabalhadores. Os homens na categoria manual em 1991 deslocam mais intensamente do que as mulheres na mesma categoria. As mulheres se movem mais para a categoria

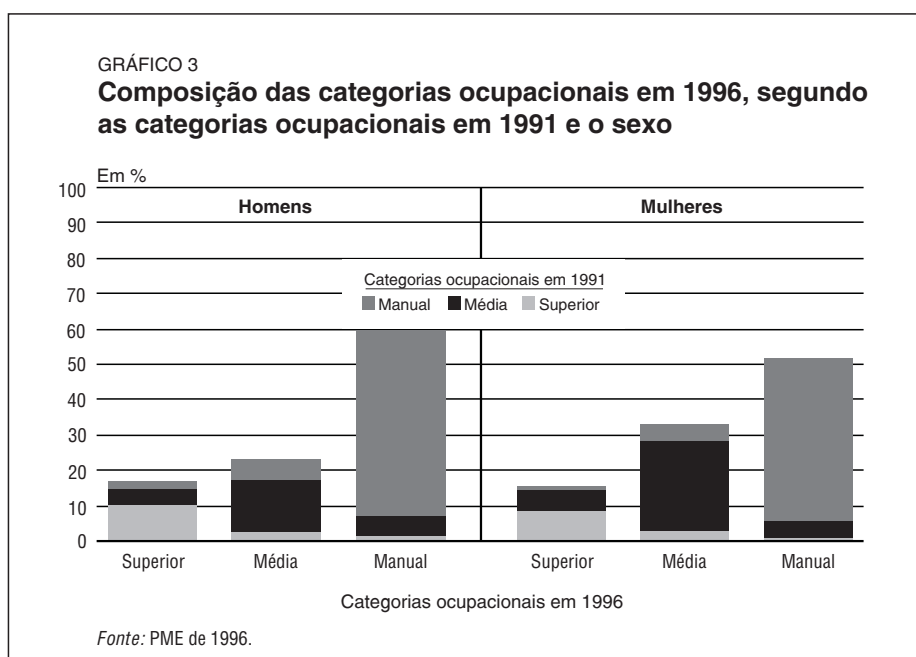
TABELA 5

Transições entre categorias socioocupacionais, por sexo — 1991/96

(Em %)

1991	1996							
	Homens				Mulheres			
	Superior	Média	Manual	Total	Superior	Média	Manual	Total
Superior	10,3	2,4	1,5	14,2	8,9	3,1	0,9	12,9
Média	4,4	15,3	5,7	25,4	5,5	25,3	4,9	35,7
Manual	2,5	5,6	52,4	60,4	1,2	4,7	45,5	51,4
Total	17,2	23,2	59,6	100,0	15,6	33,1	51,2	100,0

FONTE: PME de 1996.



média. Os dados apresentados na Tabela 5 e Gráfico 3 mostram que são semelhantes os padrões de transições para ambos os sexos.

A Tabela 6 mostra as transições entre as categorias, os mais estáveis são os trabalhadores manuais, pois aproximadamente 88% dos que estavam nessa categoria

TABELA 6

*Composição das categorias socioocupacionais em 1996,
segundo as categorias socioocupacionais em 1991 e o sexo*

(Em %)

1991	1996							
	Homens				Mulheres			
	Superior	Média	Manual	Total	Superior	Média	Manual	Total
Superior	60,0	10,3	2,5	14,2	57,1	9,4	1,7	12,9
Média	25,8	65,8	9,5	25,4	35,1	76,5	9,6	35,7
Manual	14,3	23,9	88,0	60,4	7,8	14,1	88,7	51,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PME de 1996.

em 1996 estavam também em 1991, sem distinção de gênero. A categoria superior apresenta a maior entrada no período, tanto para homens quanto para mulheres. Em 1996, aproximadamente 60% dos trabalhadores já estavam naquela categoria em 1991 e os novos vieram das categorias média e manual. Essa ascensão ocupacional é maior para as mulheres. Embora a categoria média seja menos afetada pelos fluxos de entrada, registra, em 1996, a entrada de 24% de homens e de 14% de mulheres que saíram da categoria manual em 1991. Tal mobilidade ascendente pode ser conseqüência de uma trajetória natural dessas coortes. Como essas coortes alcançam escolaridade e níveis de experiência maiores, os indivíduos tendem a ser promovidos nas firmas ou ocupam postos de trabalhos compatíveis com o grau de instrução.¹³

No que tange à mobilidade descendente — as transições de categorias superior para média, superior para manual e média para manual —, não podemos identificar, à primeira vista, qualquer diferença significativa segundo o sexo. Aproximadamente 10% dos trabalhadores moveram de categoria superior em 1991 para média em 1996, 12% dos trabalhadores manuais em 1996 provêm de categorias superior e média em 1991.

De qualquer forma, a Tabela 6 evidencia uma mobilidade entre categorias socio-profissionais que pode ser interpretada como positiva, uma vez que as transições ascendentes prevalecem sobre as descendentes, sendo as mulheres mais favorecidas no movimento média-superior, e os homens, no movimento manual-média.

13 Essa é uma hipótese, tendo em vista que estamos nos referindo a somente uma transição. Se o coeficiente de educação permanece constante mas a escolaridade aumenta, a análise de ao menos duas transições permitiria verificar que o aumento de escolaridade promove essa coorte a ocupações melhores.

5 - Caracterização das transições ocupacionais

Buscamos agora caracterizar as transições entre as categorias socioocupacionais, de acordo com os atributos pessoais, pretendendo identificar possíveis fontes dos diferenciais das transições e mudanças dos padrões de inserção entre os trabalhadores masculinos e femininos. Como mencionamos anteriormente, agrupamos as transições em mobilidade ascendente, imobilidade e mobilidade descendente.

No que se refere à evolução de padrões de participação segundo a raça, verificamos menores deslocamentos ocupacionais para os negros. Como esperávamos, a mobilidade ascendente acontece de forma mais expressiva para os trabalhadores brancos. Um padrão desigual de ocupação segundo a raça por categorias ocupacionais é observado, em 1996, quando 23% de homens e mulheres brancos estavam em ocupações superiores, enquanto somente 7% de negros se encontravam nessa mesma categoria. A maioria (71%) de negros estava na categoria manual (Tabela 7).

Quanto à idade, por traduzir experiência no mercado de trabalho, esperamos uma associação direta entre esse atributo e a categoria ocupacional. De fato, entre os homens, avanços na idade vêm acompanhados por maiores participações nas categorias superior e média. Por outro lado, entre as mulheres, esse padrão não é observado.¹⁴ Ademais, quanto mais velho o indivíduo, menor a mobilidade ocupacional em ambos os sexos. Entre os homens, essa evidência é mais significativa em ocupações de nível superior e médio, enquanto para as mulheres em ocupações da categoria manual (Tabela 8).

TABELA 7

Transição entre categorias socioocupacionais, por sexo e raça — 1991/96

(Em %)

Transições	Homens		Mulheres	
	Branco	Negro	Branca	Negra
Mobilidade ascendente	13,9	10,1	13,2	8,8
Imobilidade	75,4	82,2	76,7	84,0
Mobilidade descendente	10,7	7,7	10,1	7,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PME de 1996.

¹⁴ Isso sugere um efeito importante de níveis desiguais de escolaridade entre mulheres de diferentes idades. As mais idosas são menos instruídas.

TABELA 8

Transição entre categorias socioocupacionais, por sexo e grupo de idade — 1991/96
(Em %)

Transições	Homens						
	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	55-59
Mobilidade ascendente	14,0	12,5	12,9	11,1	13,7	13,3	10,3
Imobilidade	74,6	77,0	77,9	80,4	76,9	78,6	80,6
Mobilidade descendente	11,4	10,5	9,1	8,6	9,4	8,1	9,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Transições	Mulheres						
	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	55-59
Mobilidade ascendente	15,9	12,5	10,4	9,1	11,1	10,3	7,6
Imobilidade	74,3	77,2	80,4	81,8	80,5	83,1	85,7
Mobilidade descendente	9,8	10,3	9,2	9,1	8,4	6,6	6,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PME de 1996.

Uma vez que os diferenciais de oferta de trabalho por nível educacional são os principais determinantes da posição ocupacional, a análise refinada de transições entre as categorias deve refletir a evolução da desigualdade de gênero. A ampla maioria de mulheres com pelo menos 11 anos de estudo está na categoria média, ao passo que os homens com o mesmo nível educacional tendem a estar mais na categoria superior. Isso sugere um desequilíbrio entre oferta e demanda por qualificação, segundo o sexo, observado em 1996 (Tabela 9).

O padrão de relação entre imobilidade e nível educacional é semelhante para homens e mulheres. A imobilidade diminui com a escolaridade. A mobilidade ascendente é notavelmente mais expressiva entre os indivíduos com níveis educacionais mais altos. Além disso, a mobilidade descendente também aumenta com a escolaridade, porque existe um conjunto de trabalhadores em categorias superior e média que são mais educados.

TABELA 9

Transições entre categorias socioocupacionais, por sexo e grupos de anos de estudo — 1991/96

(Em %)

Transições	Homens					
	0	1-3	4-7	8-10	11-14	15 ou +
Mobilidade ascendente	4,7	7,4	9,6	12,6	17,6	18,9
Imobilidade	92,2	86,3	81,9	75,9	69,0	72,6
Mobilidade descendente	3,1	6,2	8,5	11,5	13,3	8,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Transições	Mulheres					
	0	1-3	4-7	8-10	11-14	15 ou +
Mobilidade ascendente	2,0	4,6	6,2	13,5	15,3	19,2
Imobilidade	95,8	92,2	86,5	74,1	72,6	71,4
Mobilidade descendente	2,3	3,2	7,3	12,4	12,1	9,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PME de 1996.

6 - Probabilidades de transição entre categorias ocupacionais segundo atributos individuais

Nesta seção são usadas regressões logísticas para estimar as probabilidades de transição que descrevem as transições ocupacionais ascendentes e descendentes, para cada sexo separadamente, controladas pelos atributos raça, idade e escolaridade. A variável dependente é binária, indicando se o indivíduo mudou de categoria ocupacional entre 1991 e 1996 ou se permaneceu na mesma categoria. Com essa variável dependente, o objetivo é calcular a probabilidade de transição, condicionada a um conjunto de variáveis independentes.

As unidades básicas de análise são as observações agrupadas de respostas binárias de acordo com um conjunto de variáveis independentes. Os dados estão representados na forma de tabelas de contingência, com a contagem da frequência cruzada pelas categorias e possíveis resultados [Powers e Xie (1999)]. As dimensões da tabela de contingência são determinadas pelas três variáveis independentes (raça, idade e escolaridade) e pelo número de categorias por variável (duas para raça, sete para idade e seis para escolaridade). Com os dados agrupados, as frequências são transformadas em proporções que são estimativas das probabilidades condicionais. Dentro de cada célula, duas quantidades — o número de trabalhadores em cada categoria em 1991 e o número de trabalhadores

que se moveram em 1996 — são necessárias para calcular a proporção de deslocamentos em cada categoria. A informação principal é o número de transições do conjunto inicial em cada categoria.

A probabilidade de transição, $\pi(x)$, reflete a dependência dos valores das variáveis explicativas (raça, idade e escolaridade). Como em qualquer regressão com variáveis categóricas independentes, é necessário identificar de forma específica os parâmetros do modelo. Isso é possível por meio da adoção de variáveis *dummies*, usando categorias de raça (negros), escolaridade (analfabetos) e idade (mais de 60 anos) como categorias de referência. A transformação logística é interpretada como o logaritmo das chances de se fazer a transição e é expressa por:

$$\log\left(\frac{\pi(x)}{1-\pi(x)}\right) = \eta_i = \sum_{k=0}^k \beta_k x_{ik}$$

e a função da regressão logística é expressa por:

$$E(Y) = \pi(x) = \frac{\exp(\eta_i)}{1 + \exp(\eta_i)}$$

Oito regressões (quatro para cada sexo)¹⁵ foram estimadas, uma vez que são possíveis quatro movimentos — mobilidade descendente a partir da categoria superior, mobilidade ascendente a partir da categoria média, mobilidade descendente a partir da categoria média e mobilidade ascendente a partir da categoria manual. A inclusão das três variáveis explicativas nas regressões assegura que estejamos controlando-as simultaneamente. Os resultados estão nas Tabelas 10 e 11.

A probabilidade de transição da categoria superior para média ou manual (mobilidade descendente a partir da categoria superior) é menor para os brancos.¹⁶ E também é menor para os brancos no caso de mobilidade descendente a partir da categoria média. No caso dos homens, as diferenças são maiores entre as raças. Brancos, independentemente do sexo, estão melhor representados em termos das transições ascendentes, especialmente na transição média-superior para os homens e manual-média para mulheres. Esses dados sugerem discriminação racial nas chances de mobilidade entre as categorias socioocupacionais, uma vez que os brancos apresentam mais chances de movimentos ascendentes e probabilidade menor de transições descendentes.

15 Nós usamos um modelo de efeitos aditivos, admitindo que o efeito de uma variável independente não depende dos valores das outras variáveis dependentes. Um modelo mais genérico poderia incluir termos de interação, permitindo que os efeitos das variáveis dependentes variem de acordo com os níveis das outras variáveis com as quais interagem [Powers e Xie (1999)].

16 O conjunto completo das probabilidades estimadas está no Anexo B.

TABELA 10

Homens — coeficientes da regressão logística

	Código	Descendente da superior	Descendente da média	Ascendente da média	Ascendente da manual
Raça	1	-0,2987*** (0,0086)	-0,0632*** (0,0050)	0,4002*** (0,0062)	0,2959*** (0,0038)
25-29 anos	1	1,8438*** (0,0218)	1,6125*** (0,0186)	0,0869*** (0,0204)	0,2509*** (0,0183)
30-34 anos	2	1,3914*** (0,0207)	1,3462*** (0,0185)	0,2689*** (0,0201)	0,0361** (0,0184)
35-39 anos	3	1,0085*** (0,0207)	1,0433*** (0,0186)	0,1452*** (0,0201)	0,2079*** (0,0183)
40-44 anos	4	0,9650*** (0,0207)	0,8159*** (0,0187)	0,1559*** (0,0202)	0,0693*** (0,0185)
45-49 anos	5	1,1762*** (0,0211)	0,8750*** (0,0190)	0,3332*** (0,0206)	0,5190*** (0,0185)
50-54 anos	6	0,4376*** (0,0215)	0,7604*** (0,0198)	0,6737*** (0,0211)	0,5376*** (0,0188)
55-59 anos	7	0,9403*** (0,0226)	0,0618*** (0,0217)	0,3845*** (0,0226)	0,3518*** (0,0200)
1-3 anos de estudo	1	1,1782*** (0,0445)	-0,4740*** (0,0198)	-0,8412*** (0,0321)	0,6121*** (0,0120)
4-7 anos de estudo	2	0,3481*** (0,0394)	-0,4805*** (0,0185)	-0,0978*** (0,0277)	0,8903*** (0,0110)
8-10 anos de estudo	3	-0,0372 (0,0396)	-1,2766*** (0,0188)	-0,2952*** (0,0274)	1,4189*** (0,0113)
11-14 anos de estudo	4	-0,7662*** (0,0391)	-2,0104*** (0,0188)	0,2578*** (0,0274)	2,2467*** (0,0113)
15 ou mais anos de estudo	5	-2,1046*** (0,0391)	-3,5175*** (0,0223)	1,7813*** (0,0275)	3,4266*** (0,0151)
Constante		-0,7162*** (0,0435)	-0,8073*** (0,0230)	-2,4789*** (0,0317)	-3,5080*** (0,0199)

NOTA: Desvio-padrão entre parênteses. Níveis de significância: * 10%; ** 5%; *** 1%. Os números de observações em cada regressão variam entre 91 e 106, que constituem os diversos agrupamentos das variáveis de idade, escolaridade e raça para cada transição.

TABELA 11

Mulheres — coeficientes da regressão logística

	Código	Descendente da superior	Descendente da média	Ascendente da média	Ascendente da manual
Raça	1	-0,6338*** (0,0105)	-0,0410*** (0,0068)	0,2178*** (0,0073)	0,3952*** (0,0059)
25-29 anos	1	1,5233*** (0,0586)	1,9765*** (0,0532)	-2,8933*** (0,0313)	0,3877*** (0,0364)
30-34 anos	2	0,9587*** (0,0582)	2,1807*** (0,0531)	-2,7787*** (0,0312)	-0,0984*** (0,0365)
35-39 anos	3	0,9761*** (0,0581)	1,9641*** (0,0532)	-2,7895*** (0,0314)	-0,0175 (0,0364)
40-44 anos	4	0,9115*** (0,0581)	1,7160*** (0,0533)	-2,8585*** (0,0316)	-0,2131*** (0,0366)
45-49 anos	5	0,9028*** (0,0584)	1,5546*** (0,0535)	-2,7452*** (0,0318)	0,3200*** (0,0366)
50-54 anos	6	1,0186*** (0,0590)	0,7935*** (0,0546)	-2,1398*** (0,0325)	0,2222*** (0,0371)
55-59 anos	7	0,1943*** (0,0639)	1,6579*** (0,0548)	-2,8267*** (0,0353)	0,0927*** (0,0385)
1-3 anos de estudo	1	n.d.	-0,5322*** (0,0303)	n.d.	0,8422*** (0,0215)
4-7 anos de estudo	2	n.d.	-0,7770*** (0,0256)	n.d.	1,2953*** (0,0195)
8-10 anos de estudo	3	0,1607*** (0,0237)	-1,5105*** (0,0261)	0,3324*** (0,0201)	2,4862*** (0,0199)
11-14 anos de estudo	4	-0,5815*** (0,0179)	-2,8740*** (0,0259)	1,3301*** (0,0156)	3,1746*** (0,0201)
15 ou mais anos de estudo	5	-1,8703*** (0,1761)	-4,3310*** (0,0293)	2,5607*** (0,0157)	5,3339*** (0,0285)
Constante		0,0046 (0,0594)	-1,3490*** (0,0575)	-0,6615*** (0,0314)	-4,1814*** (0,0390)

NOTA: Desvio-padrão entre parênteses. Níveis de significância: * 10%; ** 5%; *** 1%. Os números de observações das regressões variam entre 69 e 99, que constituem os diversos agrupamentos das variáveis de idade, escolaridade e raça para cada transição.

n.d. = não-disponível.

O Gráfico 4 mostra as probabilidades de transições por idade, para os grupos de sexo e raça.¹⁷

A probabilidade de transições superior-média ou de transições superior-manual — mobilidade descendente a partir da categoria superior — tende a diminuir com avanços na idade, para homens e mulheres (com exceção do grupo masculino mais velho). Os trabalhadores do sexo feminino apresentam probabilidades mais altas, especialmente mulheres negras na mobilidade descendente a partir da categoria superior. Os homens negros possuem também chances maiores de mobilidade descendente a partir da categoria superior em comparação aos brancos. A tendência de uma relação inversa entre idade e mobilidade é observada para mobilidade descendente a partir da categoria média, embora em um nível muito mais baixo. Nesse caso, as diferenças devido à raça são insignificantes e os trabalhadores do sexo feminino possuem uma probabilidade menor de mobilidade descendente.

No caso da mobilidade ascendente, a variável idade não parece representar um papel importante, e as curvas não mostram um padrão claro de mudança. As estimativas sugerem uma relação estável entre a mobilidade ascendente a partir da categoria média e o envelhecimento dos indivíduos para os homens e as mulheres, brancos e negros, nas faixas de 25-29 a 50-54 anos de idade. Há, no entanto, um declínio dessas probabilidades entre os mais velhos. Os homens e as mulheres brancos apresentam probabilidades um pouco mais elevadas para a mobilidade ascendente, a partir da categoria média, do que os trabalhadores negros. As transições do manual para a média e do manual para o superior apresentam curvas mais instáveis, em que as probabilidades tendem a diminuir até a faixa de 40-44 anos e depois voltam a aumentar. Os diferenciais segundo a raça são mais visíveis no caso da mobilidade ascendente, sendo mais altas as probabilidades de transição entre homens e mulheres brancos.

O Gráfico 5 mostra as probabilidades de transições por escolaridade, para os grupos de sexo e raça.¹⁸

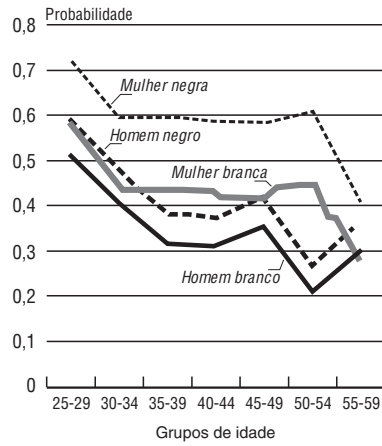
O nível de escolaridade detém um papel extremamente importante nas transições entre as categorias socioocupacionais, como podemos verificar no Gráfico 5. No caso da mobilidade ascendente, a relação entre a escolaridade e as probabilidades de transição são diretas; por outro lado, as probabilidades de mobilidade descendente guardam uma relação inversa com educação, independentemente de sexo ou raça. Embora as formas das curvas sejam semelhantes, os níveis divergem e seguem os padrões já discutidos nos parágrafos anteriores. As mulheres negras apresentam as probabilidades mais altas de mobilidade descendente a

17 Escolhemos apresentar as probabilidades do grupo educacional de 11 a 14 anos de estudo porque é o maior em nossa amostra.

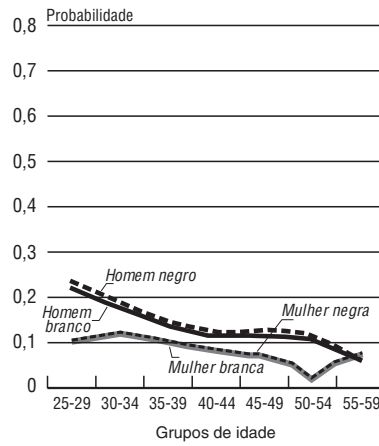
18 A faixa etária de 30-34 anos conta com maior número de indivíduos em nossa amostra.

GRÁFICO 4

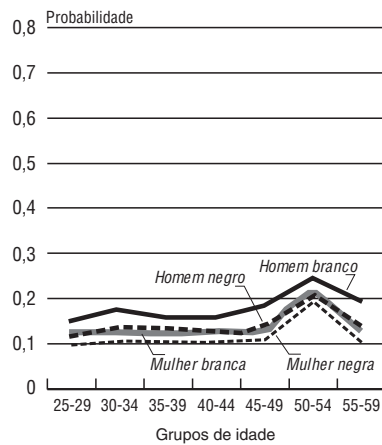
Mobilidade descendente, a partir das ocupações superiores, por sexo, raça e idade — grupo de anos de estudo: 11-14



Mobilidade descendente, a partir das ocupações médias, por sexo, raça e idade — grupo de anos de estudo: 11-14



Mobilidade ascendente, a partir das ocupações médias, por sexo, raça e idade — grupo de anos de estudo: 11-14



Mobilidade ascendente, a partir das ocupações manuais, por sexo, raça e idade — grupo de anos de estudo: 11-14

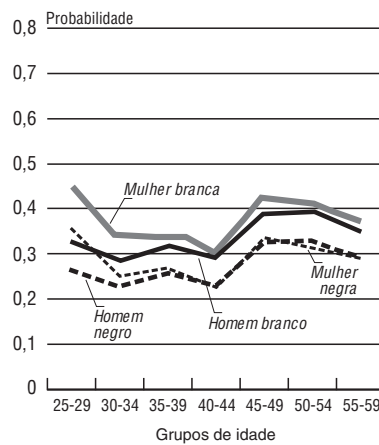
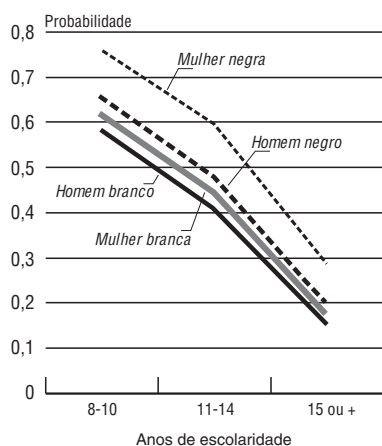
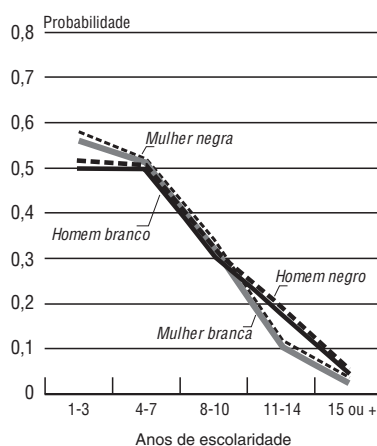


GRÁFICO 5

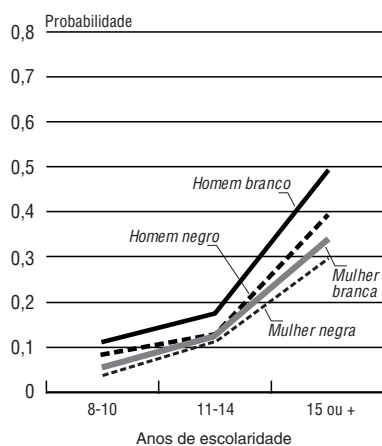
Mobilidade descendente, a partir das ocupações superiores, por sexo, raça e escolaridade — grupo de idade: 30-34



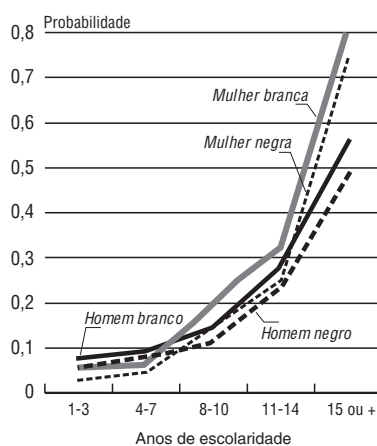
Mobilidade descendente, a partir das ocupações médias, por sexo, raça e escolaridade — grupo de idade: 30-34



Mobilidade ascendente, a partir das ocupações médias, por sexo, raça e escolaridade — grupo de idade: 30-34



Mobilidade ascendente, a partir das ocupações manuais, por sexo, raça e escolaridade — grupo de idade: 30-34



partir da categoria superior. No caso da mobilidade descendente a partir da categoria média, as diferenças por gênero e raça são menos expressivas.

A variável escolaridade, no caso da mobilidade ascendente, é diretamente associada às probabilidades de transição segundo o sexo e a raça, e as curvas são mais acentuadas a partir da faixa de 11 a 14 anos de escolaridade. Os homens brancos detêm probabilidades mais altas de mobilidade ascendente a partir da categoria média do que os outros trabalhadores, seguidos pelos homens negros. Por outro lado, as mulheres brancas apresentam probabilidades maiores de mobilidade ascendente a partir da categoria manual do que os demais, seguidas pelas mulheres negras. Essas probabilidades de transição parecem confirmar o que esperávamos sobre o papel da escolaridade na mobilidade ocupacional.

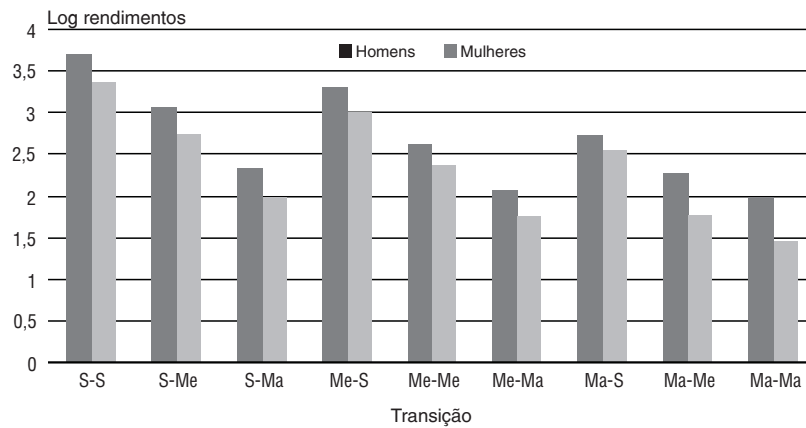
7 - Rendimentos

O objetivo desta seção é caracterizar as transições ocupacionais em termos de rendimentos, controlando pelas diferenças nas variáveis de raça, idade e escolaridade, para os homens e as mulheres separadamente. Antes de avaliar os rendimentos pelo aspecto das transições, é importante identificar o padrão global de diferenciais de rendimento por sexo. Verificamos que os rendimentos dos homens estão 65% acima dos das mulheres em 1996: R\$ 833,11 e R\$ 506,11, respectivamente.

O Gráfico 6 mostra os rendimentos conforme o sexo e as transições ocupacionais. Em todas as transições, os homens possuem rendimentos superiores aos das mulheres, e as diferenças são mais expressivas nas transições manual-média e manual-manual. Como esperávamos, quando a categoria superior é a de destino, os rendimentos são maiores para ambos os sexos, a despeito da categoria de origem. Esse gráfico representa um quadro bastante agregado, tornando-se importante isolar os efeitos de outras variáveis na determinação do perfil de rendimentos. Por exemplo, o Gráfico 7 apresenta a média de anos de estudo em cada transição. Apesar de os rendimentos masculinos serem mais elevados em todas as transições, as mulheres têm níveis educacionais mais altos, excluindo o caso das que permaneceram na categoria manual. Sugere-se com isso que, além do desequilíbrio entre os níveis de escolaridade das mulheres e sua distribuição nas categorias ocupacionais, há um desequilíbrio entre os níveis de escolaridade e os seus rendimentos.

Em virtude de nossa hipótese prévia, testamos a presença de retornos heterogêneos para a escolaridade segundo grupos de transição e sexo. Esperamos que os retornos educacionais das mulheres venham a ser os mais baixos, uma vez que se encontram em ocupações em que os requisitos de qualificação são menores, ainda que seu nível de escolaridade apresente-se mais elevado. Desse modo, os rendimentos femininos estariam fortemente correlacionados com sua inserção

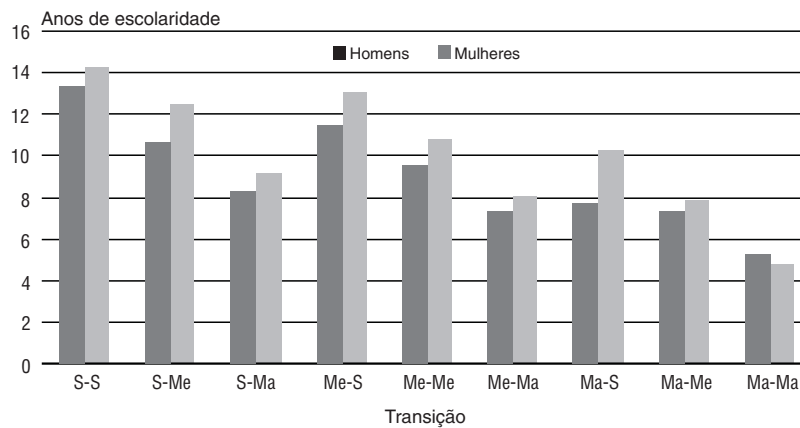
GRÁFICO 6
Log rendimentos/hora, por sexo e transição — 1996



Fonte: PME de 1996.

Nota: Transições entre as categorias ocupacionais: S-S = superior-superior; S-Me = superior-média; S-Ma = superior-manual; Me-S = média-superior; Me-Me = média-média; Me-Ma = média-manual; Ma-S = manual-superior; Ma-Me = manual-média; e Ma-Ma = manual-manual.

GRÁFICO 7
Média de anos de escolaridade, por sexo e transição — 1996



Fonte: PME de 1996.

Nota: Transições entre as categorias ocupacionais: S-S = superior-superior; S-Me = superior-média; S-Ma = superior-manual; Me-S = média-superior; Me-Me = média-média; Me-Ma = média-manual; Ma-S = manual-superior; Ma-Me = manual-média; e Ma-Ma = manual-manual.

ocupacional. Para as mulheres, ser educada não assegura ganhar rendimentos elevados e trabalhar em ocupações de maior prestígio, como acontece com os homens.

Estimamos uma função de rendimento tradicional de capital humano por mínimos quadrados ordinários. O logaritmo dos rendimentos individuais (y) pode ser decomposto em uma função de um termo linear de escolaridade, um termo linear de idade e um termo quadrático de idade:¹⁹ $y = a + bE + cI + dI^2 + u$, onde E representa anos de estudos completos, I representa a idade e u é um resíduo estatístico. Essa equação admite que cada ano adicional de escolaridade tem o mesmo efeito proporcional sobre os rendimentos, mantendo-se idade constante (*proxy*, para experiência no mercado de trabalho). Admitindo essa condição, o coeficiente b resume o efeito da escolaridade no mercado de trabalho e representa o retorno para educação, controlado pelas outras variáveis incluídas no modelo [Card (1999)]. As estatísticas descritivas e o conjunto completo de coeficientes são apresentados no Anexo C.

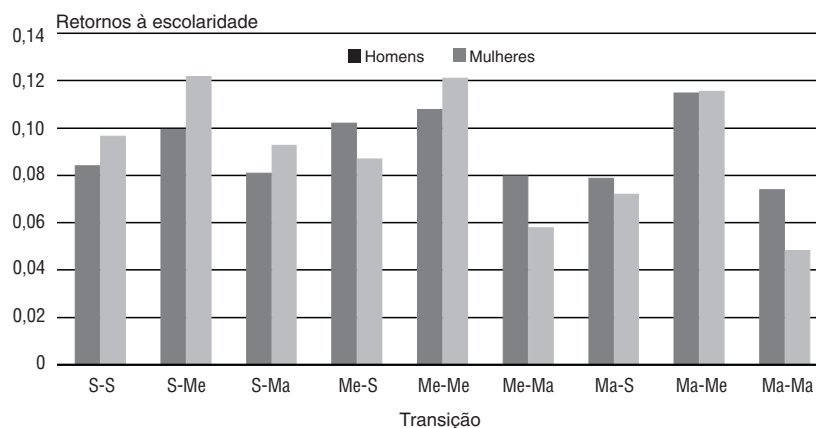
Controlando pelas variáveis de idade e idade ao quadrado, são mostrados os retornos da educação em cada transição, segundo o sexo, no Gráfico 8. Verificamos que os retornos tendem a ser maiores quando o destino é a categoria média, para homens e mulheres. No cômputo geral, um maior contingente de trabalhadores masculinos se beneficia de retornos mais elevados.²⁰

Para melhor captar os efeitos das transições sobre os rendimentos, estimamos equações salariais únicas para cada sexo, nas quais cada tipo de movimento — ascendente e descendente — é introduzido como variável *dummy*, tomando a imobilidade como grupo de referência. Para o total dos homens, o movimento ascendente se traduziu efetivamente em diferenciais salariais de cerca de 19% a mais para os que ascenderam no espectro ocupacional em relação aos que não se moveram. Ao contrário, o movimento descendente se refletiu em uma diferença de rendimentos de 11% a menos para os que se moveram para baixo em relação aos que não se moveram. Para o total das mulheres, os movimentos ascendente e descendente significaram 12% a mais e 9% a menos nos salários, respectivamente, das que se moveram para cima e para baixo em relação às que não se moveram. Parece significativo o diferencial de gênero relativo aos ganhos salariais associados à mobilidade ascendente total.

19 Reconhecendo a provável importância de diferentes respostas dos mercados de trabalho locais às mudanças econômicas e das diferenças estruturais entre eles, testamos especificações de equações introduzindo uma variável *dummy* para as regiões metropolitanas — Nordeste (0) versus Sudeste/Sul (1). Embora os coeficientes sejam positivos e significativos, todos se situaram no mesmo patamar, independentemente da transição realizada e do sexo. Portanto, optamos por não privilegiar essa dimensão da análise. Testamos também especificações de equações introduzindo uma variável *dummy* para as raças — negros (0) versus brancos (1). A maioria dos coeficientes dessa *dummy* não é estatisticamente significativa; assim, optamos por não apresentar tais resultados.

20 Visto que é menor o peso das transições nas quais as mulheres realizam maiores retornos, os indivíduos que realizam as transições nas quais as mulheres obtêm maiores retornos totalizam somente 32% da amostra.

GRÁFICO 8

Retornos à escolaridade, segundo o sexo e a transição — 1996

Fonte: PME de 1996.

Nota: Transições entre as categorias ocupacionais: S-S = superior-superior; S-Me = superior-média; S-Ma = superior-manual; Me-S = média-superior; Me-Me = média-média; Me-Ma = média-manual; Ma-S = manual-superior; Ma-Me = manual-média; e Ma-Ma = manual-manual.

Finalmente, especificamos equações que consideram os movimentos a partir de cada categoria socioocupacional. Para os homens, a partir da categoria de ocupações de nível superior, o movimento descendente significou 43% a menos nos rendimentos dos que caíram em relação aos que não se moveram. A partir da categoria de ocupações de nível médio, o movimento ascendente significou um diferencial salarial positivo de 57% e o descendente se traduziu em um diferencial negativo de 26% dos que se moveram em relação aos que não se moveram. Já os salários dos homens que realizaram um movimento ascendente a partir das ocupações de nível manual mostram um diferencial positivo de 30% para os que continuaram em ocupações de nível manual. Quanto às mulheres, a partir da categoria de ocupações de nível superior, o movimento descendente significou 37% a menos nos rendimentos. A partir da categoria de ocupações de nível médio, o movimento ascendente significou um diferencial salarial positivo de 47% e o descendente se traduziu em um diferencial negativo de 30% para as que se moveram em relação às que permaneceram nessa categoria. O retorno em rendimentos para as mulheres que realizaram um movimento ascendente a partir das ocupações de nível manual é de 30% em relação às que continuaram nessa categoria. Isso sinaliza para a confirmação da hipótese de que, dados os rendimentos iniciais mais baixos, os ganhos associados aos movimentos ocupacionais ascendentes das mulheres não são suficientes para reverter as desigualdades de gênero.

8 - Comentários finais

Embora o período analisado seja curto para avaliações de transformações estruturais, os resultados tendem a reforçar um padrão desigual de participação da força de trabalho segundo o sexo no Brasil metropolitano nos anos 90. Há um desequilíbrio entre oferta e demanda por qualificação, quando o corte é por gênero. Além disso, as variáveis de raça e educação são bastante pertinentes para determinar a relação entre transições ocupacionais e salários.

Em nossa amostra de trabalhadores ocupados em 1991 e 1996, observamos uma imobilidade ocupacional prevaiente em ambos os sexos. Sempre que há movimentos na estrutura ocupacional, a mobilidade ascendente superpõe a descendente.

O modelo logístico, ao assegurar o cálculo da probabilidade de transição ascendente e descendente entre as categorias ocupacionais, controlado pelos atributos físicos, permite identificar as chances de movimentos para homens e mulheres. Os resultados sugerem a presença de discriminação racial, dado que a mobilidade ascendente tende a prevalecer entre os brancos e a descendente tende a ser mais importante para os negros. No que se refere à idade, não é possível deduzir um padrão claro de associação entre as transições ocupacionais e acumulação de experiência, uma vez que foram encontradas trajetórias diferentes para os quatro tipos de transição. Por outro lado, a variável de educação confirma nossa expectativa, porque mostra uma relação direta com a mobilidade ascendente e uma associação inversa com a transição descendente.

No que tange às características de rendimentos dos indivíduos em cada transição ocupacional, salientamos que os níveis de escolaridade mais elevados para as mulheres não se traduzem em níveis de salários mais altos e ocupações de maior prestígio. Além disso, os retornos de educação calculados em uma função de rendimentos tradicional de capital humano são maiores quando o destino é a categoria socioocupacional média, tanto para os homens quanto para as mulheres. Em geral, a parcela de homens que realizam retornos à escolaridade relativamente mais elevados é maior do que a fração de mulheres. As estimativas das regressões que captam os efeitos das transições sobre os rendimentos sugerem que os ganhos associados aos movimentos ocupacionais ascendentes das mulheres não são suficientes para reverter as desigualdades de gênero.

Este artigo possui um caráter bastante descritivo, constituindo-se em uma tentativa de analisar as transições da força de trabalho em termos de categorias socioocupacionais na primeira metade da década de 90. Os resultados são sugestivos e há ainda muito por fazer com esse banco de dados. Entre possíveis estudos está a relação entre transições ocupacionais e setor informal; a relação entre transições ocupacionais e segregação ocupacional; e a estimação de tabelas de vida ativas.

Anexo A

Composição das categorias socioocupacionais

Superior

Proprietário na extração mineral	Dentista
Proprietário na indústria de transformação	Enfermeiro diplomado
Proprietário na construção civil	Outros ocupados na medicina (nível superior)
Proprietário no comércio (comerciante)	Acadêmico de hospital
Proprietário de hotel ou pensão (empregador)	Matemático
Proprietário de empresa de transporte	Estatístico
Outros proprietários	Analista de sistemas
Diplomata, membro do poder executivo, legislativo etc.	Economista
Diretor, assessor, chefe, no serviço público	Contador
Administrador na extração mineral	Técnico em administração
Administrador na indústria de transformação	Sociólogo
Administrador na construção civil	Psicólogo
Administrador no comércio de mercadorias	Geógrafo
Administrador no serviço de hospedagem	Assistente social
Administrador de empresa de transporte	Outros cientistas sociais
Administrador de empresa financeira, imobiliária ou securitária	Professor pesquisador no ensino superior
Administrador de empresas não especificadas	Professor de ensino superior
Fiscal de tributos ou rendas	Professor de ensino do 2º grau
Engenheiro	Professor de ensino do 1º grau da 5ª à 8ª série
Arquiteto	Orientador de ensino
Agrimensor	Magistrado
Cartógrafo	Procurador, promotor, curador na justiça
Químico	Advogado
Farmacêutico	Religioso
Físico	Escritor, jornalista
Geólogo, mineralogista	Produtor, diretor de espetáculo
Outros ocupados na física ou química (nível superior)	Bibliotecário
Agrônomo	Museólogo, arquivista
Biologista	Outros ocupados de nível superior
Farmacologista	Aviador civil
Veterinário	Comissário de bordo
Médico	Oficial da marinha mercante
	Técnico de esportes
	Oficial das forças armadas
	Delegado, comissário de polícia

(continua)

(continuação)

Média

Encarregado administrativo, chefe de setor (exclusive no serviço público)	Religioso por conta própria
Inspetor de trabalho	Artista plástico
Assistente administrativo no serviço público	Artesão
Caixa de banco, tesoureiro	Decorador, cenógrafo
Almoxarife	Fotógrafo
Expedidor	Músico, compositor de música
Datilógrafo	Artista de TV, cinema, teatro
Operador de teleimpressora	Locutor de rádio ou televisão
Operador de máquina no processamento de dados	Cinegrafista
Secretário	Operador de equipamentos de som ou cenografia
Auxiliar de contabilidade	Outros operadores de rádio ou televisão
Operador de máquina copiadora	Operador de projeção cinematográfica
Arquivista	Inspetor de qualidade na indústria
Recepcionista	Supervisor de segurança no trabalho na indústria
Auxiliar administrativo	Comerciante por conta própria
Desenhista	Vendedor praticista ou viajante
Técnico de edificação	Representante comercial (exclusive empregador)
Outros ocupados como auxiliares na engenharia	Propagandista
Enfermeiro não diplomado	Corretor de seguros
Massagista, auxiliar de fisioterapia	Corretor de imóveis
Ortopista, ótico prático	Corretor de títulos e valores
Operador de equipamentos médicos	Avaliador, leiloeiro
Parteira	Outros agentes e corretores
Protético	Comprador
Técnico de laboratório em análises clínicas	Inspetor, despachante nos transportes
Técnico de contabilidade	Agente postal ou telegráfico
Técnico de estatística	Postalista
Agente censitário	Telegrafista, radiotelegrafista
Programador de computador	Telefonista
Professor de ensino do 1º grau da 1ª à 4ª série	Proprietário de hotel ou pensão por conta própria
Professor de ensino do 1º grau sem especificação da série	Jogador de futebol
Professor de ensino pré-escolar	Atleta profissional, exclusive jogador de futebol
	Juiz de esportes

(continua)

(continuação)

Professor, instrutor de cursos profissionalizantes de treinamento	Proprietário ou locador nos serviços (exceto alimentação, alojamento e transportes) por conta própria
Professor de ensino não especificado	Praça, soldado (exclusive do corpo de bombeiros)
Inspetor de alunos	Oficial do corpo de bombeiros
Tabelião	Investigador, agente de polícia
Escrivão	Agentes e fiscais não especificados
Oficial de justiça	
Outros ocupados auxiliares na justiça	

Manual

Artista de circo	Trabalhadores na indústria de oleaginosas
Mineiro	Outros trabalhadores na indústria alimentar
Canteiro, marroeiro etc. na extração de pedras	Linotipista
Operador de máquinas na extração mineral	Tipógrafo, diagramador
Trabalhador especializado ou não na extração de petróleo e gás	Clicherista, gravador na indústria gráfica
Garimpeiro	Impressor
Salineiro	Revisor na indústria gráfica
Sondador de poços (exclusive de petróleo e gás)	Encadernador
Mestre, técnico na extração mineral	Outros trabalhadores na indústria gráfica
Mestre, técnico industrial (exclusive indústria têxtil)	Vidreiro, ampoleiro
Mestre, técnico têxtil	Ceramista, louceiro
Mestre, técnico de construção civil	Pintor cerâmico
Mestre, técnico nos serviços de abastecimento de água, energia elétrica, telefonia, gás ou esgoto	Oleiro
Outros mestres e técnicos não especificados	Ourives, relojoeiro na fabricação e reparação
Trabalhador de forno metalúrgico	Lapidador de pedras preciosas e semipreciosas
Laminador, de metais	Borracheiro
Trefilador metalúrgico	Vulcanizador, recauchutador
Modelador de fundição, macheiro	Fogueteiro
Galvanizador, niquelador etc.	Vassoureiro, pinceleiro, escoveiro
Afiador, amolador	Marmorista
Polidor, esmerilhador de metais	Preparador de fumo
Ferramenteiro	Charuteiro, cigarreiro
Estampador mecânico, cunhador de moedas	Pintor a pistola
	Operador de empilhadeira

(continua)

(continuação)

Operador de prensa mecânica de metais	Foguista de caldeira
Fresador, furador de metal	Embalador de mercadorias
Torneiro mecânico	Trabalhadores na indústria de papel
Ajustador, montador de máquinas e motores	Trabalhadores na indústria de borracha ou plástico
Mecânico de veículos	Trabalhadores na indústria de artefatos de cimento
Mecânico de manutenção de máquinas	Outros trabalhadores na indústria de transformação
Soldador	Vendedor no comércio de mercadorias (empregado)
Rebitador de metais	Operador de caixa no comércio de mercadorias ou nos serviços
Caldeireiro na indústria mecânica	Repositor de mercadorias no comércio
Ferreiro, serralheiro de metal	Demonstrador em lojas comerciais
Funileiro	Feirante (exclusive empregador)
Lanterneiro de veículos	Aguadeiro
Cardador, penteador na indústria têxtil	Vendedor ambulante no comércio de salgados, doces, balas, sorvetes, lanches etc.
Maçaroqueiro, bobinador, noveleiro na indústria têxtil	Quitandeiro no comércio ambulante (exclusive empregador)
Fiandeiro	Vendedor ambulante de carnes e laticínios, tripeiro
Rendeiro	Bilheteiro no comércio ambulante
Urdidor	Outros vendedores ambulantes
Cordoeiro, barbanteiro	Vendedor de jornais e revistas (exclusive ambulante)
Tecelão	Mestre de embarcação
Tapeceiro	Maquinista de embarcação
Redeiro, tecedor de redes	Foguista de embarcação
Alvejador, tingidor de fios ou tecidos	Marinheiro civil
Estampador na fabricação de peças de tecido	Taifeiro no transporte marítimo
Acabador de tecidos	Barqueiro, canoeiro, balseiro, jangadeiro no transporte
Correeiro, seleiro	Guindasteiro, condutor de carga e descarga
Curtidor, trabalhador em curtume	Estivador
Alfaiate, costureiro	Agente de estação de estrada de ferro, bilheteiro em estradas de ferro ou no metrô
Auxiliar de costura	Agente, chefe de trem
Calceiro, camiseiro	Maquinista de trem, condutor de metrô
Modelista de roupa, cortador de moldes	Foguista de trem
Bordador, cerzidor, crocheteiro, tricotador	Guarda-freios
Chapeleiro	Manobreiro de ferrovia, sinaleiro

(continua)

(continuação)

Sapateiro de consertos	Motorista de veículos
Trabalhadores na indústria de calçados	Trocador de ônibus
Bolseiro, cinteiro	Carroceiro, comboieiro, tropeiro
Marceneiro	Trabalhador na conservação de ferrovias
Carpinteiro	Carteiro
Tanoeiro	Empregado doméstico: arrumador, babá, cozinheiro, copeiro, lavador e passador de roupas, faxineiro, mordomo, governanta, caseiro, enfermeiro, jardineiro, motorista e vigia no serviço doméstico
Operador de máquinas de marcenaria	Empregado não-doméstico: camareiro de hotel, cozinheiro, lavador, passador etc. exclusive no serviço doméstico
Serrador de madeira	Garçom, <i>maître</i>
Preparador de compensado de madeira	Atendente de bar ou lanchonete
Capoteiro, estofador de veículos	Cabeleireiro
Colchoeiro	Barbeiro
Lustrador, envernizador, laqueador de madeira	Maquiador, especialista em tratamento de beleza
Cesteiro, esteireiro	Manicure
Montador de equipamentos elétricos	Engraxate
Montador de aparelhos elétricos, eletrônicos, rádio e televisão	Porteiro
Reparador de aparelhos elétricos e eletrônicos, rádio e televisão	Ascensorista
Eletricista instalador	Vigia
Instalador, reparador de equipamentos telefônicos	Zelador, servente
Instalador, reparador de linhas elétricas ou telefônicas	Contínuo
Operador de instalações de produção de energia elétrica	Guarda civil, inspetor de trânsito
Armador de concreto ou ferros	Carcereiro, agente penitenciário
Pedreiro	Datiloscopista
Servente de pedreiro	Guarda-vigia de organizações particulares de segurança
Pintor caiador	Aprendiz
Estucador, gesseiro	Bilheteiro no serviço de diversões
Ladrilheiro, taqueiro, azulejador	Bombeiro exclusive do corpo de bombeiros
Encanador, bombeiro hidráulico	Capataz
Vidraceiro assentador	Dedetizador
Calceteiro em pavimentação, asfaltador	Guardador de carros
Calafate	Guarda-sanitário

(continua)

(continuação)

Operador de máquinas na construção civil	Jardineiro
Lingüiceiro, salsicheiro	Lixeiro, gari
Charqueador, defumador	Lubrificador
Magarefe, abatedor de animais	Operador de estação de tratamento de água
Trabalhadores na indústria de laticínios	Operadores de máquinas não especificados
Doceiro, confeitoiro	Trabalhador braçal
Macarroneiro, pastificador, pasteiro (na fabricação)	Trabalhador na conservação de rodovias
Padeiro (na fabricação)	
Farinheiro, moleiro	
Trabalhadores na indústria do açúcar	
Trabalhadores na indústria de bebidas	
Trabalhadores na indústria de café	
Trabalhadores na indústria do pescado	
Trabalhadores na indústria de chá, cacau ou erva-mate	

Anexo B

Probabilidades de transição estimadas entre categorias socioocupacionais

TABELA B.1

Probabilidades de mobilidade descendente a partir das ocupações superiores

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 25-29				Grupo de idade: 30-34			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
8-10	0,844	0,748	0,742	0,688	0,755	0,654	0,620	0,584
11-14	0,720	0,589	0,578	0,516	0,594	0,477	0,437	0,404
15 ou +	0,415	0,273	0,274	0,218	0,288	0,193	0,176	0,151

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 35-39				Grupo de idade: 40-44			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
8-10	0,758	0,563	0,624	0,489	0,746	0,553	0,609	0,478
11-14	0,598	0,384	0,442	0,316	0,583	0,373	0,426	0,307
15 ou +	0,291	0,140	0,179	0,108	0,278	0,135	0,170	0,104

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 45-49				Grupo de idade: 50-54			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
8-10	0,744	0,604	0,607	0,531	0,766	0,422	0,634	0,351
11-14	0,581	0,424	0,424	0,353	0,609	0,260	0,452	0,207
15 ou +	0,276	0,162	0,168	0,125	0,300	0,084	0,185	0,064

TABELA B.2

Probabilidades de mobilidade descendente a partir das ocupações médias

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 25-29				Grupo de idade: 30-34			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
1-3	0,524	0,582	0,514	0,567	0,574	0,516	0,564	0,500
4-7	0,463	0,580	0,453	0,565	0,514	0,515	0,503	0,499
8-10	0,293	0,384	0,284	0,369	0,337	0,324	0,327	0,310
11-14	0,096	0,231	0,092	0,220	0,115	0,187	0,111	0,177
15 ou +	0,024	0,062	0,023	0,059	0,029	0,048	0,028	0,046

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 35-39				Grupo de idade: 40-44			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
1-3	0,521	0,441	0,510	0,425	0,459	0,386	0,449	0,371
4-7	0,460	0,439	0,449	0,424	0,399	0,384	0,389	0,369
8-10	0,290	0,261	0,282	0,249	0,242	0,220	0,234	0,209
11-14	0,095	0,145	0,091	0,137	0,075	0,119	0,073	0,113
15 ou +	0,024	0,036	0,023	0,034	0,019	0,029	0,018	0,027

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 45-49				Grupo de idade: 50-54			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
1-3	0,419	0,400	0,409	0,385	0,252	0,373	0,244	0,358
4-7	0,361	0,398	0,352	0,383	0,209	0,371	0,202	0,356
8-10	0,213	0,230	0,207	0,219	0,112	0,210	0,108	0,200
11-14	0,065	0,125	0,062	0,119	0,031	0,113	0,030	0,107
15 ou +	0,016	0,031	0,015	0,029	0,007	0,028	0,007	0,026

TABELA B.3

Probabilidades de mobilidade ascendente a partir das ocupações médias

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 25-29				Grupo de idade: 30-34			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
8-10	0,038	0,064	0,047	0,092	0,043	0,075	0,053	0,109
11-14	0,098	0,106	0,118	0,150	0,108	0,124	0,131	0,175
15 ou +	0,270	0,352	0,315	0,448	0,293	0,394	0,340	0,493

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 35-39				Grupo de idade: 40-44			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
8-10	0,042	0,067	0,052	0,097	0,040	0,068	0,049	0,098
11-14	0,107	0,111	0,130	0,158	0,101	0,113	0,122	0,159
15 ou +	0,291	0,365	0,338	0,462	0,277	0,368	0,323	0,465

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 45-49				Grupo de idade: 50-54			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
8-10	0,044	0,080	0,054	0,115	0,078	0,109	0,095	0,154
11-14	0,111	0,131	0,135	0,184	0,187	0,175	0,222	0,241
15 ou +	0,300	0,410	0,348	0,509	0,440	0,494	0,494	0,593

TABELA B.4

Probabilidades de mobilidade ascendente a partir das ocupações manuais

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 25-29				Grupo de idade: 30-34			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
1-3	0,050	0,066	0,072	0,087	0,031	0,054	0,046	0,071
4-7	0,076	0,086	0,109	0,112	0,048	0,070	0,070	0,092
8-10	0,213	0,137	0,287	0,176	0,143	0,114	0,198	0,147
11-14	0,350	0,267	0,444	0,329	0,249	0,227	0,330	0,283
15 ou +	0,823	0,542	0,874	0,614	0,742	0,489	0,810	0,562

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 35-39				Grupo de idade: 40-44			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
1-3	0,034	0,064	0,049	0,084	0,028	0,056	0,041	0,074
4-7	0,052	0,082	0,075	0,108	0,043	0,073	0,063	0,095
8-10	0,153	0,132	0,211	0,170	0,129	0,117	0,180	0,151
11-14	0,264	0,259	0,348	0,319	0,228	0,233	0,305	0,290
15 ou +	0,757	0,532	0,822	0,604	0,719	0,497	0,792	0,570

Anos de escolaridade	Grupo de idade: 45-49				Grupo de idade: 50-54			
	Negros		Branco		Negros		Branco	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
1-3	0,047	0,085	0,068	0,111	0,042	0,086	0,062	0,113
4-7	0,071	0,109	0,102	0,142	0,065	0,111	0,094	0,144
8-10	0,202	0,172	0,273	0,219	0,186	0,175	0,254	0,222
11-14	0,335	0,323	0,428	0,390	0,313	0,327	0,404	0,395
15 ou +	0,813	0,608	0,866	0,676	0,798	0,612	0,854	0,680

Anexo C

Equações de rendimentos

TABELA C.1

Estatísticas descritivas das transições: médias das variáveis

Variáveis	Superior-superior		Superior-média		Superior-manual	
	Homens (n = 1231)	Mulheres (n = 626)	Homens (n = 293)	Mulheres (n = 225)	Homens (n = 184)	Mulheres (n = 68)
Log rendimentos / hora	3,7051 (0,8117)	3,3534 (0,7483)	3,0593 (0,8392)	2,7561 (0,7760)	2,3336 (0,7994)	1,9986 (0,7533)
Anos de escolaridade	13,370 (3,391)	14,224 (2,314)	10,669 (4,138)	12,524 (3,046)	8,250 (3,906)	9,118 (3,505)
Idade	43,869 (10,337)	40,366 (8,430)	41,993 (10,720)	39,662 (8,858)	39,348 (9,643)	39,029 (9,943)
Idade 2	2031,281 (984,035)	1700,350 (721,658)	1877,952 (968,944)	1651,200 (741,574)	1640,739 (844,661)	1620,706 (890,973)

Variáveis	Média-superior		Média-média		Média-manual	
	Homens (n = 533)	Mulheres (n = 378)	Homens (n = 1927)	Mulheres (n = 1818)	Homens (n = 738)	Mulheres (n = 358)
Log rendimentos / hora	3,2939 (0,8373)	3,0134 (0,7932)	2,6212 (0,8309)	2,3635 (0,7982)	2,0686 (0,7441)	1,7546 (0,6818)
Anos de escolaridade	11,443 (3,929)	13,037 (2,953)	9,524 (3,591)	10,827 (3,197)	7,309 (3,409)	8,070 (3,477)
Idade	39,522 (9,583)	38,365 (9,628)	39,226 (10,103)	37,610 (9,023)	37,661 (9,677)	37,059 (8,750)
Idade 2	1653,615 (828,219)	1564,328 (830,661)	1640,709 (891,560)	1495,881 (745,578)	1511,883 (817,458)	1449,696 (722,621)

Variáveis	Manual-superior		Manual-média		Manual-manual	
	Homens (n = 310)	Mulheres (n = 88)	Homens (n = 712)	Mulheres (n = 369)	Homens (n = 6749)	Mulheres (n = 3392)
Log rendimentos / hora	2,7223 (0,8185)	2,5558 (0,9035)	2,2694 (0,8597)	1,7648 (0,8508)	1,9818 (0,7038)	1,4484 (0,6539)
Anos de escolaridade	7,706 (3,884)	10,250 (3,842)	7,309 (3,755)	7,867 (3,538)	5,227 (3,159)	4,807 (3,105)
Idade	39,426 (9,643)	39,045 (10,994)	39,188 (9,947)	37,667 (9,638)	39,630 (10,180)	40,589 (10,164)
Idade 2	1647,084 (833,313)	1644,045 (923,576)	1634,520 (846,321)	1511,423 (811,810)	1674,25 (890,37)	1750,764 (912,499)

NOTA: Desvio-padrão entre parênteses.

TABELA C.2

Coefficientes das equações de rendimentos, segundo o sexo e a transição

Variáveis	Superior-superior		Superior-média		Superior-manual	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Anos de escolaridade	0,0808*** (0,0063)	0,0923*** (0,0120)	0,0947*** (0,0104)	0,1149*** (0,0151)	0,0779*** (0,0141)	0,0886*** (0,0279)
Idade	0,0613*** (0,0144)	0,0503** (0,0270)	0,0521* (0,0298)	0,0865** (0,0429)	0,0843** (0,0424)	0,0331 (0,0669)
Idade 2	-0,0006*** (0,0002)	-0,0005* (0,0003)	-0,0005 (0,0003)	-0,0010* (0,0005)	-0,0009* (0,0005)	-0,0003 (0,0008)
Constante	1,2598*** (0,3362)	0,9615* (0,5635)	0,9518 (0,6579)	-0,4687 (0,8850)	-0,1913 (0,9080)	-0,4515 (1,3590)
R^2 ajustado	0,1321	0,0955	0,2247	0,2097	0,1458	0,1107
Variáveis	Média-superior		Média-média		Média-manual	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Anos de escolaridade	0,0972** (0,0082)	0,0834*** (0,0129)	0,1024*** (0,0047)	0,1142*** (0,0050)	0,0768*** (0,0077)	0,0562*** (0,0109)
Idade	0,1097*** (0,0234)	0,0717*** (0,0243)	0,0853*** (0,0104)	0,0613*** (0,0127)	0,0001 (0,0173)	0,0109 (0,0286)
Idade 2	-0,0011*** (0,0003)	-0,0007*** (0,0003)	-0,0008*** (0,0001)	-0,0006*** (0,0002)	-0,00003 (0,0002)	-0,00002 (0,0003)
Constante	-0,3162 (0,4989)	0,4208 (0,5089)	-0,2171 (0,2271)	-0,1392 (0,2532)	1,5693*** (0,3560)	0,9523 (0,572)
R^2 ajustado	0,2378	0,1268	0,2266	0,2344	0,1223	0,0664
Variáveis	Manual-superior		Manual-média		Manual-manual	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Anos de escolaridade	0,0759*** (0,0115)	0,0695** (0,0254)	0,1089*** (0,0087)	0,1094*** (0,0124)	0,0713*** (0,0026)	0,0472*** (0,0038)
Idade	0,1061*** (0,0326)	0,0009 (0,0710)	0,0571** (0,0220)	0,0968*** (0,0285)	0,0665*** (0,0053)	0,0320*** (0,0066)
Idade 2	-0,0011*** (0,0004)	0,0001 (0,0009)	-0,0005** (0,0003)	-0,0011*** (0,0003)	-0,0007*** (0,0001)	-0,0003*** (0,0001)
Constante	-0,0519 (0,6909)	1,6926 (1,4036)	0,2277 (0,4574)	-0,8898* (0,5907)	0,2128*** (0,1130)	0,6198*** (0,1489)
R^2 ajustado	0,1369	0,0496	0,1889	0,1916	0,1177	0,0478

NOTA: Erro-padrão entre parênteses. Níveis de significância: * 10%; ** 5%; *** 1%.

Abstract

In Brazil, the nineties are marked by profound changes in the patterns of employment and earnings. Our main purpose is to analyze the extent of occupational mobility in Brazil, during this period, with special attention to differences between male and female profiles. We investigate workers mobility among occupational categories classified by skill level and characterize transitions by race, age and education. We apply a logistic model to estimate transition probabilities of upward and downward mobility by gender, between 1991 and 1996, using panel data from IBGE's Monthly Employment Survey (PME). Our discussion includes a descriptive analysis of earnings profiles related to occupational transitions, based on estimated earning equations. Our results support the hypothesis that the Brazilian labour market absorbs differently men and women equally classified by skill level, and indicate higher probabilities of upward occupational mobility for men.

Bibliografia

- AGRESTI, A. *Categorical data analysis*. New York: John Wiley & Sons, 1990.
- ANDRADE, M. V. Educação e crescimento no Brasil: evidências empíricas para os estados brasileiros —1970/1995. *Anais do XXV Encontro Nacional de Economia da ANPEC*. Recife, 1997.
- AMADEO, E., CAMARGO, J. M., BARROS, R. P., MENDONÇA, R. A natureza do funcionamento do mercado de trabalho brasileiro desde 1980. *Instituições trabalhistas e a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro*. Rio de Janeiro, IPEA, 1994.
- BARROS, R. P., CRUZ, L. E., FOGUEL, M., MENDONÇA, R. *Brasil: abertura comercial e mercado de trabalho*. OIT/Escritório Regional para a América Latina, 1996 (Documento, 39).
- BARROS, R. P., MACHADO, A. F., MENDONÇA, R. A desigualdade da pobreza: o impacto das estratégias ocupacionais. *Anais do XV Encontro Latino-Americano da Sociedade de Econometria*. Chile, 1997.
- BLAU, F. D. Trends in the well-being of american women, 1970-1995. *Journal of Economic Literature*, v. 36, p. 112-165, 1998.
- BORJAS, G. J. *Labor economics*. McGraw Hill, 1996.
- BOUND, J., HOLZER, H. J. Industrial shifts, skills levels, and the labor market for white and black males. *The Review of Economics and Statistics*, v. 75, n. 3, p. 387-396, 1993.
- CARD, D. The causal effect of education on earnings. In: ASHENFELTER, O., CARD, D. (eds.). *Handbook of labor economics*. Amsterdã: North Holland, 1999.
- FREEMAN, R. *When earnings diverge: causes, consequences and cures for the new inequality in the U.S.* Washington, D.C.: National Policy Association, 1997.

- GRUSKY, D. B., DIPRETE, T. A. Recent trends in the process of stratification. *Demography*, v. 27, n. 4, p. 617-635, 1990.
- HASENBALG, C. A., SILVA, N. V. *Educação e diferenças raciais na mobilidade ocupacional no Brasil*. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da Anpocs, 1998.
- IBGE. *Mapa do mercado de trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, 1994.
- . *Pesquisa Mensal de Emprego — Abril 1996: Educação e Trabalho*. Rio de Janeiro, 1997.
- LAM, D. The dynamics of population growth, differential fertility, and inequality. *American Economic Review*, v. 76, p. 1.103-1.116, 1986.
- LEITE, M. P. Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. *O mundo do trabalho — crise e mudança no final de século*. Campinas: Scritta, 1994.
- . Reestruturação industrial, cadeias produtivas e qualificação. In: CARLEIAL, L., VALLE, R. *Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Abet, p. 140-166, 1997.
- MARTINS, H. H. T. S., RAMALHO, J. R. (orgs.). *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec / Cedi-Nets, 1994.
- OLIVEIRA, A. M. H. C. *A segregação ocupacional por sexo no Brasil*. Cedeplar/UFMG, 1997 (Dissertação de Mestrado em Demografia).
- OLIVEIRA, L. E. G., PORCARO, R. M., COSTA, T. C. N. A. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.
- POLACHEK, S. Occupational self-selection: a human capital approach to sex differences in occupational structure. *Review of Economics and Statistics*, v. 63, p. 63-69, 1981.
- POWERS, D., XIE, Y. *Statistical methods for categorical data analysis*. San Diego, CA: Academic Press, 1999.
- RESKIN, B. F., PADAVIC, I. *Women and men at work*. London: Pine Forge Press, 1994.
- SEMYONOV, M., SCOTT, R. I. Industrial shifts, female employment and occupational differentiation: a dynamic model for American cities. *Demography*, v. 20, p. 163-176, 1983.

(Originais recebidos em maio de 2000. Revistos em outubro de 2000.)